

## **“A GENTE TÁ VIVENDO UMA VIDA SEM PAZ”: EXPERIÊNCIAS DOS PRIMEIROS SEIS MESES DE QUARENTENA DO COVID-19 PARA MULHERES DA PERIFERIA DE SALVADOR**

**“WE ARE LIVING A LIFE WITH NO PEACE”:  
QUARANTINE EXPERIENCES DURING THE COVID-19 PANDEMIC AMONG  
WOMEN ON SALVADOR’S OUTSKIRTS.”**

### **Resumo**

Este artigo apresenta os resultados de uma pesquisa que buscou entender como moradoras de uma periferia de Salvador, marcada pela pobreza urbana, lidaram com a vida em quarentena durante os primeiros seis meses da pandemia da covid-19. Baseada numa pesquisa antropológica conduzida desde 2012 entre mulheres negras, mães de família, elas foram entrevistadas no mês de agosto de 2020. A partir dos dados coletados, ficou evidente que as condições de vida e moradia tornaram a experiência da quarentena ainda mais difícil para essas mulheres e suas famílias. Todas tiveram seu meio de sustento afetado, o que, para a maioria delas, transitava entre trabalhos informais e subempregos, e conseqüentemente passaram a depender de auxílios financeiros e de outras ordens, provenientes dos governos. Sobrecarga de trabalhos domésticos, estresse, ansiedade, insegurança e medo de um futuro próximo quando o auxílio financeiro acabasse marcaram a vida dessas pessoas, que ficou ainda mais insegura do que antes. Mais que medo do coronavírus em si, as mulheres temiam a pobreza extrema e as outras epidemias que estavam impactando a vida na periferia de Salvador.

**Palavras-chave:** covid-19; vida em quarentena; periferia; desigualdade; Salvador; BA.

### **Abstract**

This article examines the experiences and concerns of families living on the outskirts of Salvador during the first 6 months of the Covid-19 pandemic. The study was part of ongoing anthropological research initiated in 2012 among black women and their families and draws mainly on interviews conducted in August 2020. The impact of the quarantine was evident in their daily lives that was marked by anxiety, insecurity and fear of the near

---

1 Assistente de pesquisa no Danish Institute for International Studies (DIIS), Dinamarca. E-mail: thaisesa@yahoo.com.br.

2 Antropóloga e Pesquisadora Sênior no Danish Institute for International Studies (DIIS), Dinamarca. E-mail: mako@diis.dk;

future. Financial insecurity was also exacerbated by the pandemic with the majority of the women losing their livelihood or having their livelihoods significantly reduced while their unpaid care work at home increased. They depended on financial aid from the state and various means of credit, acutely aware that the financial aid was only a temporary measure. With the heightened levels of uncertainty about the present and the future, women feared abject poverty more than the coronavirus itself and other epidemics that were causing severe illness and distress in Salvador's low-income neighbourhoods.

**Keywords:** covid-19; daily life during quarantine; periphery; inequality; Salvador; BA.

## INTRODUÇÃO

*“Temos que chorar o luto, viver o momento, o tempo de luto precisa ser vivido tranquilamente, precisa viver o tempo da doença, o tempo da tristeza. A Bíblia diz que há tempo para todas as coisas e esse é o tempo, tempo de parar, tempo de reflexão”*

*(Fala de Dona Conceição)*

A pandemia da covid-19 teve um impacto profundo que agravou desigualdades, informalidade e vulnerabilidades no Brasil (ECLAC 2022). Milhões de famílias ficaram desprovidas de renda própria, em especial aquelas que já conviviam com situações de vulnerabilidade social e com vínculos precários de emprego de baixa renda (PEREIRA DA SILVA, CORSEUIL e COSTA, 2022). Assim a pandemia do coronavírus deixou ainda mais evidentes as desigualdades no país, pois foi justamente para as populações mais vulneráveis econômica e socialmente e em espaços mais precários da cidade que a pandemia chegou de forma mais violenta (WERNECK e CARVALHO, 2020; MINAYO e FREIRE, 2020; ALMEIDA, LÜCMANN e MARTELLI, 2020). Macedo, Ornelas e Bomfim (2020) chamaram a atenção para as possíveis consequências da pandemia em populações “subalternizadas”.

O risco apontado por eles era o do “cerceamento do direito de compra” e da ausência de políticas públicas eficazes nas favelas. Somaram-se a isso outras preocupações, como um sistema público de saúde insuficiente e a desigualdade de acesso aos serviços de saúde no geral, que atingem de forma mais significativa os pobres (COSTA, 2020; WERNECK e CARVALHO, 2020).

Os primeiros casos de infecção por covid-19 foram registrados na América Latina, em São Paulo, no fim de fevereiro de 2020 (ECLAC, 2022). Em março do mesmo ano o vírus chegou a Salvador, trazido por brasileiros da elite, ao voltarem das férias na Itália. Como em outras cidades brasileiras, eles o repassaram aos amigos em glamorosos jantares e festas de casamento e também às empregadas domésticas. Estas, por sua vez, levaram o vírus às comunidades pobres da cidade. Duas semanas depois que o vírus chegou

a Salvador, o prefeito, ACM Neto, ordenou que as pessoas ficassem em casa e decretou estado de emergência (SECOM, 2020). O Governo do Estado e a Prefeitura Municipal de Salvador tomaram medidas semelhantes para conter a pandemia. Surgiu ali uma relação de cooperação entre o Poder Público Municipal e o Poder Público Estadual, enquanto a relação desses dois poderes e a União ganhou, contudo, outros contornos, o do conflito (PEREIRA e ARANTES, 2020). Desde o início, o presidente Jair Bolsonaro oscilou entre minimizar a gravidade do vírus e negá-lo completamente. Ele afirmou repetidamente que o distanciamento social e as medidas de quarentena eram ruins para a economia. Mas nem vidas, nem economia foram salvas. Em 1º de setembro, o Brasil entrou oficialmente em recessão econômica (MENDONÇA, 2020). Em 15 de setembro do mesmo ano, o país atingiu 132.000 mortes causadas pela covid-19, tornando a doença a causa de morte com a maioria das vítimas já registradas em um único ano (incluindo causas naturais e não naturais, como homicídio, por exemplo) (MADEIRO, 2020). Passados os momentos mais críticos da pandemia, a soma das mortes por coronavírus acumuladas em março de 2023 era de 699.634 pessoas (BRASIL, 2023).

Nesse sentido é que investigamos as consequências da quarentena na vida das moradoras de periferias de Salvador nos primeiros seis meses da pandemia. A crise econômica que foi gerada pela pandemia afetou de forma desproporcional essa parcela da população também no que se refere a oferta de trabalho: elas foram as maiores vítimas do desemprego e da informalização do trabalho (IBGE, 2020; COSTA, 2020). Essa realidade de deterioração dos indicadores do mercado de trabalho, em especial para as mulheres, está relacionada diretamente com o aumento da “carga de cuidados domésticos não remunerados” (Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe, 2021). Em maio de 2020, Salvador e sua região metropolitana retomaram o duvidoso recorde da cidade com a maior taxa de desemprego do país (DA REDAÇÃO, 2020). No início da crise sanitária da covid-19 no país, 33% da força de trabalho feminina no Estado da Bahia encontrava-se ocupada. Já no final do mesmo ano, reduziu para 30,5%, como aponta o relatório da Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (BAHIA, 2021).

O artigo apresenta os resultados de uma pesquisa qualitativa sobre a vida em quarentena entre famílias em situação de pobreza no Brasil, realizado por Autor/B e Autor/A. O estudo fez parte da pesquisa em andamento de Autor/B em Salvador, iniciada em 2012 (ver Autor/B, ano; ano), na qual essas mulheres participam desde 2013. As entrevistas desta pesquisa foram realizadas em agosto de 2020, e já no início de setembro do mesmo ano, Salvador era a cidade do

Brasil com o quarto maior número de infecções e o quinto com maior número de mortes, segundo o portal COVID-19 (MONITORING, 2020). A pesquisa foi pensada e elaborada remotamente pelas pesquisadoras que mantiveram contato em todas as etapas. Realizamos ao todo cinco entrevistas, além de conversas pelas mídias sociais com essas e outras moradoras que também são nossas interlocutoras nessa e em outras pesquisas em andamento. As entrevistas tiveram duração média de 1:10min. Todas foram feitas por telefone para seguir as recomendações de isolamento social dadas pela Organização Mundial da Saúde na época e assim não expor as interlocutoras nem as pesquisadoras ao risco de contaminação por coronavírus. Antes de iniciar cada entrevista, obtivemos o consentimento informado de cada uma delas, que receberam informação sobre os objetivos da pesquisa e das quais solicitamos a permissão para incluí-las no estudo (HARDON *et al.*, 2001, p. 282). Garantimos também que os dados seriam tratados de forma confidencial e que seus nomes não seriam utilizados em nenhuma publicação ou apresentação. Portanto, todos os nomes usados neste artigo são pseudônimos para proteger suas identidades.

Na primeira seção deste artigo fizemos uma contextualização da pesquisa. Como as famílias já viviam numa situação de carência antes da pandemia, apresentamos o impacto econômico causado pela pandemia e pela quarentena. Na seção seguinte analisamos a consequente dependência dos auxílios emergenciais gerada pela precariedade econômica agravada pela pandemia. Em “Isolamento social, estresse emocional, medo e incerteza do futuro”, analisamos o impacto emocional causado pela pandemia da covid-19. Em seguida, mostramos a convivência dessas pessoas e suas famílias com a pandemia e outras epidemias que assolaram o território baiano. Por fim, realizamos uma breve discussão sobre a sensação de insegurança relatada por nossas interlocutoras e como mulheres foram afetadas desproporcionalmente pela pandemia.

## **CONTEXTUALIZANDO A PESQUISA**

Parte de nossas interlocutoras já haviam sido vizinhas em uma mesma ocupação, num parque público de floresta tropical na região do Subúrbio Ferroviário, e sofreram processo de “remoção involuntária” no início da década passada (CONDER e SEDUR, 2009). Em Salvador, para muitos moradores, ocupações informais se tornam uma das poucas possibilidades de habitar a cidade, que passa a crescer de forma irregular e autoconstruída e quase sempre em áreas precárias, as quais carecem de processo de regularização e serviços bá-

sicos; quando estes chegam, só chegam tardiamente (CARVALHO e PEREIRA, 2006; GORDILHO SOUZA 2001; VASCONCELOS, 2006; SOARES, 2009).

O Subúrbio Ferroviário é uma região destinada, pelo poder público, a ser vetor de crescimento popular, o que em Salvador significa concentração da pobreza. Ela cresceu mesclando formas parcamente planejadas, como os loteamentos habitacionais destinados à população de baixa renda, e o crescimento desordenado com construções irregulares.<sup>3</sup> É uma região da cidade que concentra diversas sobreposições de carências. Ao falar sobre essa parte da cidade, Carvalho e Pereira (2006, p. 98) descrevem-na como a que contém “condições mais precárias de habitabilidade e uma menor oferta de equipamentos e serviços urbanos [...]”. Foi no Subúrbio Ferroviário que houve a primeira expansão de moradias precárias autoconstruídas em Salvador na década de 1940, e foi lá onde os primeiros assentamentos informais surgiram uma década depois (VASCONCELOS, 2006).

O bairro onde elas moravam era localizado numa área definida como uma Zona Especial de Interesse Social – ZEIS, seguindo a mesma lógica da periferização da pobreza histórica do município de Salvador. Nessa área, um projeto de urbanização de favelas foi planejado e implementado por duas agências de desenvolvimento urbano no âmbito do Governo do estado da Bahia, SEDUR e CONDER. Como parte do projeto, a invasão foi demolida e o bairro que fazia fronteira com o parque, aqui chamado de São Mateus, recebeu nova infraestrutura, como pavimentação, drenagem, iluminação, benfeitorias residenciais, novas moradias, novas estradas e áreas recreativas públicas, como parques infantis. Para abrir caminho para essas melhorias, mais de mil famílias, a maioria das quais vivia na área havia décadas, foram deslocadas e reassentadas em conjuntos habitacionais construídos pelo Governo do Estado da Bahia no mesmo bairro ou bairros vizinhos. O processo de reassentamento se deu a partir de 2012. O conjunto habitacional para onde as mulheres foram reassentadas nunca foi regularizado, apesar da regularização fundiária ter sido uma das promessas feitas pelo poder público às famílias reassentadas nas unidades habitacionais construídas pelo CONDER. Assim, elas continuavam morando na informalidade (KOLLING, 2019).

As casas para onde parte das famílias foi realocada, por sua vez, eram extremamente pequenas, contendo apenas 42m<sup>2</sup>. O novo conjunto habitacional fica localizado a uns 3.5 km da antiga invasão, em uma encosta de frente para o mar. Algumas casas eram separadas umas das outras por corredores bem es-

---

3 Vasconcelos (2006) faz um apanhado histórico sobre a formação dos bairros populares em Salvador.

treitos e não possuíam qualquer traço de acabamento. O chão não tinha piso, as portas e janelas eram de má qualidade e o número de quartos insuficiente para a maior parte das famílias. Muitos moradores se endividaram ao longo dos anos com melhorias que empreenderam em suas casas. Colocaram pisos de cerâmica, construíram puxadinho onde era possível construir, alguns conseguiram modificar bastante suas casas, transformando-as em espaços melhores para habitar. Outros simplesmente desistiram dela, se mudaram, mesmo que isso tenha acarretado o retorno à moradia de aluguel. É nesse contexto de sobreposição de carências que se situam nossas interlocutoras.

Duas das interlocutoras moravam em São Mateus anteriormente e, na época dessa pesquisa, moravam no bairro do Uruguai, mas continuavam frequentando uma Igreja evangélica no antigo bairro. O bairro do Uruguai sofreu medidas restritivas adotadas no fim do mês de maio devido às elevadas taxas de infecção. Pontos de fiscalização controlados pela Polícia Militar impediam as pessoas de ter acesso a ele, a menos que fossem residentes, e a movimentação dos moradores fora de alguns bairros foi restrita às atividades essenciais. Enquanto o *lockdown* ia sendo suspenso, as medidas de quarentena continuavam com a recomendação de isolamento social e medidas de distanciamento social, como suspensão de aulas em colégios da rede privada e pública; redução ou até suspensão dos transportes públicos; restrição nos templos religiosos; atividades comerciais fechadas, já os serviços essenciais, como supermercados e farmácias, funcionavam em horário reduzido, das 10h às 16h.

## **ATIVIDADES ECONÔMICAS PREJUDICADAS**

*“a gente saía pra vender sonho, vender as coisas e agora não tá dando, né, que ninguém quer comprar”* (Fala de Lúcia)

Mbembe (2020, não paginado) descreveu o mundo assolado pela pandemia da covid-19 como “tempos sem garantia nem promessa, em um mundo cada vez mais dominado pela assombração de seu próprio fim” e alertou para o fato de que “serão muitos aqueles que infelizmente, não passarão pelo buraco da agulha”, esses muitos não seriam aleatórios, mas justamente aqueles já prejudicados pela relação predatória do homem com tudo o que é vivo. Santos (2020), por sua vez, também falou sobre a seletividade da pandemia, que ela não chegaria da mesma forma a todos os indivíduos, ao contrário, atingiria alvos desprivilegiados de forma desproporcional, alertando entre outros grupos, para aqueles nos quais submeter-se à quarentena e às medidas de isolamento e distanciamento social significaria passar a abrir mão do seu sustento.

Os pobres urbanos de Salvador conviviam com uma significativa desigualdade social e econômica. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2020), 36,8% da população tinha renda nominal mensal per capita de até 1/2 salário-mínimo, em 2010. Isso se materializa também no tecido social urbano, no bairro que chamamos aqui de São Mateus, 50,1% dos responsáveis pelos domicílios tinham renda de 0 e 1 salário-mínimo, no ano de 2016, segundo o Observatório de Bairros de Salvador.

Em estudo publicado pelo Observatório das Metrôpoles, Carvalho e Fernandes (2019) sintetizam os dados de desocupação da Região Metropolitana de Salvador a partir da PNAD contínua. Elas argumentam que, se somados “todo o conceito de subutilização da força de trabalho (desocupação, subutilização da força de trabalho e força de trabalho potencial), a RMS parte de 25% em 2012 e ultrapassa os 32% em 2018” (CARVALHO e FERNANDES, 2019. p. 17).

Em tempos de pandemia, o cenário nacional também não era muito animador. De acordo com dados do PNAD-Covid, a taxa de desocupação no país, no mês de agosto de 2020, transitava entre 13,3% e 14,3%. O número de pessoas que não procuraram trabalho por conta da pandemia ou por falta de trabalho na localidade, no mesmo período, oscilava entre 17.056 e 18.311 milhões. E 2,7 milhões de pessoas estavam afastadas dos seus empregos devido ao distanciamento social, na segunda metade do mês de setembro de 2020 (IBGE, 2020).

É nesse contexto de “vulnerabilidade e precariedade ocupacional” (CARVALHO e PEREIRA, 2006, p. 98) que se inserem nossas interlocutoras. Elas se encaixam no que Santos chamou de “Sul da quarentena”, “grupos que têm em comum padecerem de uma especial vulnerabilidade que precede a quarentena e se agrava com ela”. Segundo essa abordagem, “o Sul não designa um espaço geográfico. Designa um espaço-tempo político, social e cultural. É a metáfora do sofrimento humano injusto causado pela exploração capitalista, pela discriminação racial e pela discriminação sexual” (SANTOS, 2020, não paginado).

Quando começou a quarentena na cidade, elas tiveram suas atividades econômicas abaladas. Os trabalhos que realizavam para sustentar a si e, parcial ou totalmente, os filhos, transitavam entre trabalhos informais e subempregos. Antes do surto da covid-19, Rafaela ganhava a vida com vendas ambulantes, vendas de roupas de segunda mão no bairro, e serviços de limpeza mal pagos. Apesar das suas várias atividades econômicas, sua renda total estava abaixo da linha da pobreza. Desde a imposição da quarentena, ela só foi chamada uma vez para um serviço de limpeza. Com a maioria das pessoas em casa, e muitas delas com salários reduzidos, as mulheres que a chamavam passaram a assumir as tarefas domésticas elas mesmas. E com pouco fluxo de gente nas ruas e o con-

sumo na cidade bastante reduzido, poucas pessoas estavam comprando, então não valia a pena o esforço ou o risco de sair e tentar vender suas mercadorias. Rafaela morava com sua filha na casa da avó, que tem diabetes. Por isso ela precisava ter cuidado para não levar o vírus para casa.

Com todo mundo em casa e as ruas vazias, durante a quarentena elas não conseguiam mais manter seus trabalhos. Foi o que aconteceu com Rosa, que vendia roupas e tinha a maior parte de sua freguesia conquistada indo de porta em porta mostrar sua mercadoria. O esposo dela tinha um emprego com carteira assinada numa loja de colchões, e no início da quarentena ele teve os dias de trabalho e o salário reduzidos. Ela, por sua vez, não conseguiu manter sua atividade com vendas e viu sua renda, que era fruto de “correr atrás”, como ela mesma descrevia, ser reduzida a zero.

Lúcia vendia sonho de padaria com o filho mais velho nas ruas do bairro. O dinheiro das vendas, o Bolsa Família que recebia e a pensão de R\$ 200,00 paga (quando era paga) pelo pai dos seus três filhos era o dinheiro com que eles sobreviviam. Mas assim como as outras mães, também não conseguiu manter suas vendas.

Dona Conceição, outra de nossas interlocutoras, tinha emprego formal e estava ganhando apenas 10% do valor original do seu salário. No período da entrevista, ela se questionava sobre o que poderia comprar com 10% de seu vencimento. O marido dela, que era motorista em uma empresa de ônibus, passou pelo mesmo processo e trabalhava com medo dos assaltos aos transportes coletivos que, segundo ela, haviam aumentado bastante naquele período.

A fragilidade econômica da vida de nossas interlocutoras soma-se a outras carências, como o acúmulo de jornadas de trabalho e a falta de qualificação, e, para quem tinha filhos pequenos, como Rafaela e Lúcia, um agravante: a responsabilidade de cuidar dos filhos. Além de lutarem para se sustentarem com uma renda baixa, elas lidavam no dia a dia com vários tipos de dívidas por precisarem comprar fiado. Com isso, abriam linhas de crédito em lojas e acabavam atrasando pagamentos de serviços públicos, como água e luz. Dentre as contas atrasadas, também estavam pequenas compras com vendedores ambulantes locais, alguns vizinhos que vendiam cesta básica, gás de cozinha e outros artigos de necessidade básica. Dívidas provenientes de compras com cartões de crédito também eram comuns, incluindo cartões emprestados de outras pessoas, como um parente, um vizinho, ou empregador, pois muitas vezes os próprios cartões já estavam esgotados e o “nome sujo” (KOLLING, 2020). Quanto às interlocutoras que trabalhavam como vendedoras ambulantes na área local, também era comum que outras pessoas acumu-

lassem pequenas dívidas com elas, alguns clientes atrasavam os pagamentos ou deixavam mesmo de pagar (KOLLING, 2020).

Para muitos brasileiros pobres como Rafaela e Dona Conceição, ficou difícil pagar despesas mensais em 2020. Isso era ainda mais complicado por ter sido uma época marcada por um forte aumento nos preços dos alimentos no Brasil, uma tendência em todo o continente latino-americano durante a pandemia. Alimentos básicos, como feijão, aumentaram mais de 30%. As famílias também tinham novas despesas, como máscaras faciais, álcool gel, e produtos de limpeza desinfetantes.<sup>4</sup> No início, eram itens difíceis de conseguir e difíceis de pagar, mas o fornecimento se tornou mais estável e os preços mais razoáveis. Essa precariedade econômica foi atenuada pelo Auxílio Emergencial do Governo Federal.

## **DEPENDÊNCIA DO AUXÍLIO EMERGENCIAL DO GOVERNO FEDERAL**

*“Antes de qualquer jeito a gente pegava a nossa mercadoria na rua e saía vendendo e agora não tá sendo assim [...] E aí o meu medo mais é esse, eles tirar o auxílio e como é que eu vou viver com os meninos?” (Fala de Lúcia).*

Entre maio e agosto de 2020, as interlocutoras, que eram beneficiárias do Programa Bolsa Família, receberam o auxílio emergencial do Governo Federal. Para elas o auxílio emergencial foi um alento. Receberam o benefício cerca de 65 milhões de pessoas, entre autônomos, desempregados e trabalhadores informais, como Rosa, Rafaela e Lúcia. No Estado da Bahia, 54% dos domicílios tiveram algum indivíduo contemplado pelo programa, segundo dados do PNAD-Covid (IBGE, 2020). Devido a falhas burocráticas, nem todos os que tinham direito receberam o dinheiro, ao passo que algumas pessoas que não tinham direito se inscreveram indevidamente e conseguiram. Ainda assim, evitou que milhões de brasileiros ficassem abaixo da linha da pobreza extrema.

A pressão por ajuda emergencial veio de uma coalizão de mais de 160 organizações e movimentos da sociedade civil brasileira. Em abril daquele ano, a Renda Básica Emergencial foi aprovada pelo Congresso, com algumas revisões, e, posteriormente, sancionada pelo presidente. A taxa mensal da ajuda emergencial aprovada de R\$ 600,00 e R\$ 1200,00 (para mães solteiras) era muito mais alta do que a própria proposta do Governo Federal, que foi de uma taxa fixa de

<sup>4</sup> Nossas interlocutoras afirmam que o preço da máscara de tecido custava entre R\$ 4,00 e R\$ 6,00 a unidade. O álcool gel, que chegou a ser comprado por até R\$ 30,00 o litro, custava mais barato no período da entrevista e o consumo com material de limpeza havia aumentado bastante.

R\$ 200,00 mensais (REDE BRASILEIRA DE RENDA BÁSICA, 2020; BENITES e BETIM, 2020).

Quando perguntada sobre o que faria quando o Auxílio Emergencial acabasse, Lúcia demonstrou profunda preocupação e disse ter medo de que o governo acabasse com o programa. Para a família dela, esse dinheiro foi o que permitiu que não faltasse comida dentro de casa, e ela ainda contava com três cestas básicas doadas pelo Governo Municipal. Para a família de Ana, que perdeu a renda de suas vendas informais e parte do salário do marido, o auxílio era de grande ajuda, embora insuficiente, pois ainda era bem difícil pagar todas as despesas, como aluguel, alimentação, artigos de necessidade básica, e eles ainda acumulavam algumas contas abertas.

Rafaela, embora fosse mãe solteira, recebia inexplicavelmente apenas R\$ 600,00 do Auxílio Emergencial. Como suas atividades econômicas também foram suspensas, ela vivia basicamente com esse dinheiro.<sup>5</sup> O benefício foi estendido por quatro meses, de setembro a dezembro, mas a uma taxa reduzida de R\$ 300,00 e R\$ 600,00 para mães solteiras que, para muitas pessoas, nem chegava a ser suficiente para pagar o aluguel. Para a sorte de Rafaela, a moradia pública construída pelo Estado onde ela morava não tinha aluguel, então ela não corria o risco de ser despejada, como muitas outras famílias pobres no Brasil.

O fechamento das escolas afetou a vida de todas elas. Rosa, Rafaela e Lúcia tinham filhos pequenos e adolescentes matriculados nas escolas, que passaram a mandar atividades para serem feitas em casa. Quando as aulas haviam sido suspensas, no mês de março de 2020, elas assumiram parcialmente o papel de professoras também, além de serem mães em tempo integral. Rosa e Rafaela falavam do medo de deixarem os filhos voltarem à escola ainda naquele ano, pois elas achavam que o vírus ainda não estaria controlado e seria difícil manter as crianças seguras. Dona Conceição, uma senhora de pouco mais de 50 anos, também era professora de turmas infantis e secretária em uma escolinha local e teve o trabalho e o salário reduzidos, ela estava recebendo apenas 10% do que recebia anteriormente e temia a possibilidade de perdê-lo. Ela também precisou trancar a faculdade particular, em que cursava o 5º semestre de Serviço Social, pois não conseguia mais pagar.

Duas de nossas interlocutoras eram mães solteiras e arcavam com os custos da criação dos filhos sozinhas. Lúcia tinha três filhos e havia ganhado na justiça o direito a uma pensão mensal de R\$ 200,00, mas desde o início da pandemia o pai das crianças não pagava a pensão, fato que é recorrente, mas

<sup>5</sup> Sua filha estudava em uma escolinha privada local, por isso ela não foi contemplada com as cestas básicas distribuídas pela prefeitura de Salvador para alunos de escolas públicas.

dessa vez com a justificativa de que o Auxílio Emergencial seria suficiente. Para Lúcia, o auxílio foi uma espécie de “benção”, pois o valor que ela tinha direito era bem mais alto do que a renda mensal que ela conseguia ter e que mantinha sua família abaixo da linha da pobreza. Esse dinheiro garantiu uma alimentação melhor para ela e seus filhos e foi usado para pagar despesas de casa e dívidas antigas acumuladas. Rafaela, por sua vez, tinha uma filha ainda criança, que estava matriculada em uma escolinha particular local até agosto daquele ano, mas, por dificuldades financeiras e ausência das aulas, Rafaela optou por cancelar a matrícula da menina.

Somava-se a essa realidade descrita o fato de que elas eram as principais cuidadoras de suas famílias e por isso relatavam uma sobrecarga de trabalhos domésticos e cuidado em tempo integral dos filhos, já que o meio-período em que passavam na escola tinha sido suspenso, além da preocupação e dos custos de manter o vírus fora de casa. Os companheiros de Rosa e de Dona Conceição mantiveram seus empregos e elas relataram os cuidados com as roupas deles ao retornarem para casa.

## **ISOLAMENTO SOCIAL, ESTRESSE EMOCIONAL, MEDO E INCERTEZA COM O FUTURO**

*“No começo, eu pensei que ia ficar louca. Ficava vendo um bocado de coisa, não conseguia dormir, amanhecia o dia em claro. Cochilava, acordava, não conseguia dormir. Você saber que vai dormir, vai acordar e isso não vai acabar”* (Fala de Rafaela).

Em agosto de 2020, Salvador fechou com 76.415 casos confirmados de covid-19, o número de mortes foi de 2.347 (SALVADOR, 2020). O isolamento social tinha sido recomendado como uma das principais estratégias de enfrentamento à pandemia do coronavírus pela Organização Mundial da Saúde e por chefes políticos em todo o mundo. Alguns governos adotaram medidas de distanciamento social suspendendo atividades não essenciais, flexibilizando outras para que pudessem ser realizadas via *home office*, restringindo circulação em determinados locais públicos, recomendando o mínimo de contato possível em atividades indispensáveis. Contudo, pesquisa do Datafolha apontava que o índice de isolamento social começava a reduzir (DATAFOLHA, 2020).<sup>6</sup> Como as mulheres nos contaram, as ruas estavam vazias, mas ao mesmo tempo nas co-

<sup>6</sup> Em pesquisa realizada pelo instituto Datafolha, o índice de isolamento social em agosto era de 51%, sendo que destes 43% saíam de casa quando necessário e 8% não saíam de casa de forma alguma. Os meses anteriores apresentaram índices mais altos.

munidades também havia muitas aglomerações com festas durante a quarentena.

Um vácuo de presença se instalou a partir das medidas de isolamento e distanciamento social adotadas pelo governo estadual e municipal, com o intuito de conter a propagação do vírus. Bittencourt (2020, p. 171), define isolamento social como sendo uma “situação de contenção humana no perímetro domiciliar”. Aquino e Lima (2020, não paginado), por sua vez, definiram o conceito como “sendo a separação das pessoas doentes daquelas não infectadas com o objetivo de reduzir o risco de transmissão da doença”. Para essas mesmas autoras o distanciamento social foi entendido como “medidas que têm como objetivo reduzir as interações em uma comunidade, que pode incluir pessoas infectadas, ainda não identificadas e, portanto, não isoladas” (não paginado). Todas as definições descortinam uma realidade não só de maior distância com outros indivíduos, mas também de um confinamento doméstico em tempo quase integral com todas as obrigações que essa realidade havia trazido.

Para nossas interlocutoras, a quarentena com o isolamento e distanciamento social foi uma realidade bem difícil. Ansiedade, estresse, insônia, angústia, tristeza e o uso de remédios para dormir por si próprias ou por terceiros eram relatos frequentes nas falas delas. Como Rafaela disse: “*A gente tá vivendo uma vida sem paz*”. Nesse mesmo sentido, Santos em *A cruel pedagogia do vírus* (2020, não paginado) chamou a atenção para o fato de que a quarentena seria especialmente difícil para as mulheres e em certa medida até perigosa. Os motivos dessas dificuldades não eram distintos daqueles encontrados nas histórias em que ouvimos. Todas relataram que a rotina dentro de casa ficou bastante estressante. Os desafios passavam por reorganizar as atividades diárias, encontrar novas atividades para ocupar o tempo dos filhos, viver na corda-bamba entre as despesas domésticas, que aumentaram no período da pandemia, o medo da doença, a sensação de que a violência no bairro aumentava e a incerteza do futuro.

Para Rafaela e Lúcia, o desafio era ainda maior: conviver com toda a família, em tempo integral, em 42m<sup>2</sup>, espaços domésticos precários e sem área de lazer. Somava-se a isso o fato de que os brasileiros conviviam, no início da pandemia, com divergências de discursos oficiais sobre a doença e a condução da crise que ela provocou entre Governo Federal, de um lado, e Governos Estadual e Municipal, de outro.

Rafaela nos contou que deixou de assistir aos noticiários, pois eles a deixavam mais ansiosa e com medo. Embora ela soubesse que o objetivo da

quarentena era impedir a propagação do vírus, ela a achava insuportável. Para quem estava acostumada a sair todos os dias e a “*correr atrás*”, como ela dizia, querendo ser trabalhadora e constantemente ganhar dinheiro, foi muito difícil ser forçada a ficar em casa. Ela também sofreu com a sobrecarga de ter que ensinar o conteúdo das atividades escolares à filha.

No início da quarentena ela perdeu o sono, e além de conviver com a insônia, ela falava bastante em depressão. O espaço doméstico nunca foi muito confortável para ela, que dividia um quarto apertado com a filha, na casa da avó. Elas se espremiavam junto com os seus objetos num cômodo do andar de cima. A sensação era de que toda a vida delas estava guardada neste mesmo quarto. Os sonhos de Rafaela oscilavam entre construir um quarto puxadinho para sua filha e conquistar a casa própria em outro bairro distante dali. Embora tentasse seguir uma quarentena mais rígida, as fugas para a casa da irmã eram frequentes, uma estratégia para aliviar a tensão cotidiana. Antes de sair, porém, ela tinha que deixar toda a casa arrumada, organizada e a comida feita para a avó que tinha 80 anos.

Assim como Rafaela, Lúcia também morava nas casas do conjunto habitacional cedidas pelo Estado. Embora parecesse ter se adaptado melhor ao espaço doméstico, ela também falava de ansiedade e do estresse por ter que ficar presa em casa. Assim como Rafaela, ela contou que deixou de ver as notícias sobre a doença e que também não procurava se informar mais para não ficar ainda mais ansiosa. Ela nos contou que temia mais o fim do Auxílio Emergencial do que a própria doença.

Rosa, junto com seu marido e os dois filhos se mudaram alguns meses antes da pandemia começar para outro bairro também periférico. Essa decisão foi tomada depois de muito aborrecimento e tentativas frustradas de uma reforma fracassada em sua casa em São Mateus, feita pelo governo estadual durante o projeto de urbanização. Nas palavras dela: “A gente não tinha mais o que mexer, pra onde mexer, na verdade, a gente não poderia mais tirar um bloco do lugar devido à estrutura mesmo da casa, que já tava abalada, o que a gente viesse a fazer poderia cair”. A casa era muito pequena, “três vãos”, e ela se sentia aliviada por ter abandonado aquele lugar tão precário, mesmo que isso tenha significado voltar a pagar aluguel.

Da mesma forma que Rafaela e Lúcia, ela falava do estresse de ficar confinada em casa, que, segundo ela, ainda não era uma casa ideal para sua família, mas possuía dois quartos. Falava também como tinha sido difícil lidar em tempo integral com os filhos e que tinha sido necessário desenvolver estratégias para criar uma nova rotina com eles. Contou como foi doloroso deixar sua ati-

vidade com vendas, e que mesmo o valor de R\$ 1.200,00 do Auxílio Emergencial às vezes não era suficiente para pagar as despesas mensais que a família tinha.

Se muitas delas reclamavam do confinamento, por um lado, por outro lado o isolamento social nem sempre era possível. Eram elas que saíam para fazer as compras no mercado<sup>7</sup> ou buscar as atividades dos filhos no colégio, quando estas não eram enviadas pela internet, outras vezes saíam para ajudar algum vizinho da comunidade. Como uma situação já precária de inserção social ficou ainda mais precária com a pandemia, algumas estratégias de solidariedade fizeram parte do cotidiano dessas pessoas. A necessidade do trabalho também era uma imposição, dada à escassez de dinheiro com que elas viviam. Dessa forma, Rafaela nos confessou: “Assim que aparecer alguma coisa eu caio pra dentro, não posso ficar sem trabalhar, não posso ficar parada”.

Dona Conceição, que era missionária em uma Igreja evangélica em São Mateus, contou sobre outras mulheres da comunidade que frequentavam sua igreja e que na quarentena também ficaram ansiosas, estressadas e começaram a tomar remédios para dormir.

Embora todas elas tenham falado de ansiedade e estresse, e Rafaela falasse até em possibilidade de depressão, quando perguntamos sobre procurar terapia a surpresa delas com a pergunta pairava no ar. Ficou claro para nós que o consumo de terapia não fazia parte do *habitus* social dessas pessoas. No caso daquelas mulheres que nos relatavam uma vida dura e um cotidiano de “correr atrás” de alguma renda que nunca era suficiente para pagar as contas, terapia seria uma despesa impensável. Elas também afirmaram não conhecer atendimento psicológico gratuito. Por outro lado, a busca por ajuda espiritual em espaços religiosos que frequentavam ou com hábitos religiosos individuais como orações, por exemplo, era uma atividade presente na vida de todas elas.

Os cultos que algumas das mulheres frequentavam foram suspensos no início da pandemia. O Decreto nº 32280, de 23 de março de 2020, recomendava a restrição de no máximo 50 pessoas nos templos religiosos e a obediência de distanciamento de pelo menos 1,5m entre elas. Na Igreja em que Dona Conceição era Missionária, o pastor começou a realizar os cultos on-line uma semana após esse decreto. No período da entrevista, os cultos presenciais começavam a voltar aos poucos e eram intercalados com os cultos on-line, realizados por *lives* nas redes sociais, e medidas de segurança eram tomadas no espaço religioso.

---

7 O uso do *delivery* como meio de comprar artigos de necessidade básica não faz parte do cotidiano dessas famílias, pois além de aumentarem os custos das compras, necessitaria do acesso corriqueiro à internet, que é bem limitado.

Dona Conceição, ao perceber um número grande de mulheres ansiosas e angustiadas em sua igreja naquele período pandêmico, fundou um grupo de mulheres e começou a realizar algumas atividades religiosas remotas. Ela contou que foi uma espécie de terapia para algumas delas. A Igreja dela tinha atendimento psicológico e ela podia encaminhar algumas pessoas para a psicóloga. A Igreja também tinha feito esforços para distribuir cestas básicas para fiéis que estavam passando por dificuldades financeiras e pagavam contas de luz e água quando algum deles precisava.

Para algumas das mulheres, o momento de crise proporcionou experiências de solidariedade em meio à pandemia. Lúcia tinha três filhos em escolas públicas e recebia três cestas básicas da Prefeitura Municipal de Salvador. Ela doava, todo mês, uma destas cestas para uma vizinha idosa que passava por muita dificuldade. Fornecer alimentos básicos para famílias pobres foi uma iniciativa das autoridades municipais para enfrentar a potencial epidemia de desnutrição entre as crianças quando as escolas fecharam; as escolas municipais forneciam uma refeição gratuita para as crianças matriculadas, que geralmente era a principal refeição do dia (VALADARES *et al.*, 2020).

Para quem não frequentava culto nem on-line como Rafaela, ela tomou outra iniciativa para não ficar deprimida. Ela começou a cantar e explicou: “Quando eu vejo que eu estou ficando triste, eu ligo o som para não ficar triste, começo a cantar. Eu falo para mim mesmo: “não posso ficar triste, estou com saúde, tô andando, posso fazer tudo o que eu gosto, apesar dessa quarentena”. Entendeu? Aí eu penso assim “eu tô presa, mas eu posso andar, eu posso levantar, eu posso fazer tudo”, aí começo a ligar o som, a cantar, a ficar feliz com a vida. Rafaela acrescentou, tentando se consolar: “Isso vai passar, vai voltar ao normal, por mais que não volte (ao normal), mas a gente tem que crer, né? Inclusive, para pensar assim alto, senão a gente fica mal.”

## **A COVID-19 E AS OUTRAS EPIDEMIAS**

Ao falarem sobre o coronavírus, os relatos transitavam entre um certo pânico causado pelo noticiário no início da pandemia e o sentimento de desinformação em relação à doença. Quando realizamos as entrevistas, em agosto de 2020, a morte por covid-19 tinha atingido pessoas conhecidas para duas de nossas interlocutoras. Uma terceira suspeitava que já tivesse tido a doença, assim como seu filho mais velho e alguns vizinhos na comunidade. Ela chegou a ir ao posto de saúde local, onde recebeu orientação para que se cuidasse em casa e só se dirigisse ao hospital se a situação se agravasse. Rosa, Lúcia e Rafaela chega-

ram a pensar em fazer o teste, mas disseram que os locais destinados para testagem pela prefeitura ficavam superlotados, o que as desencorajou, pois achavam arriscado estar em aglomerações.

Todas as mães que entrevistamos disseram que ficaram com muito medo no início da quarentena. O fechamento dos estabelecimentos, a suspensão de algumas atividades e serviços, a incerteza de como se contraía a doença, o medo de pegar o vírus e a preocupação de algum familiar adoecer foram coisas nunca antes experimentadas por elas. Ao falar sobre isso, Rosa disse que se viu “muito aterrorizada com muitas coisas, não queria nem que Sofia e João saíssem nem na porta, nem que olhassem”, porque ela havia ficado com muito medo. Além da convivência com a possibilidade de contrair a covid-19, nossas interlocutoras ainda conviviam com outras epidemias.

Desde 2015, as arboviroses, como dengue, zika e chikungunya, passaram a assolar o território baiano e nunca foram de fato erradicadas. Em Salvador essas doenças ganharam novamente o status de epidemia, em 2020. No mês de julho daquele ano, a cidade experimentou um crescimento vertiginoso dessas doenças, o número de casos de zika passou de 166, no mesmo período em 2019, para 627, em 2020; a chikungunya cresceu de 831 casos notificados para 4.749; e a dengue saltou de 3.112 para 5.980 casos (BAHIA, 2020). As mulheres relataram mais casos dessas doenças nas comunidades delas, e nas comunidades religiosas que frequentavam, do que casos de covid-19.

Lucia achava que já tinha pegado a covid-19, pois ela e o filho mais velho apresentaram alguns sintomas, assim como outros vizinhos próximos da comunidade. Ela ficou muito doente e tinha sintomas como febre alta e perda do olfato. No posto de saúde local, não realizavam o teste para comprovar a doença, mas ela foi orientada a ir ao pronto-socorro se sua condição piorasse. Lúcia também contraiu o vírus da zika naquele ano, o que, segundo ela, foi “muito pior”.

A filha de Ana pegou dengue depois que a quarentena começou, mesmo com o cuidado para não deixar os filhos saírem nem na porta, como ela disse. A filha dela ficou bastante doente, com febre alta, e, embora Ana tenha ficado preocupada com os sintomas da menina, preferiu fazer o atendimento pelo telefone com o Ministério da Saúde, onde recebeu orientações sobre como tratar da doença. No relato dela podemos perceber que a situação se agravou um pouco: “Todo mundo estava tão focado na covid-19 que esqueceu a zika e a chikungunya. Então, assim, foi uma semana de luta! Uma febre que não baixava, depois quando tudo cessou, veio a empolgação, porque a zika traz uma empolgação, uma coceira, e minha filha se coçava muito. A gente levou duas madrugadas aqui com ela toda empolada e tomando antialérgico...”

Muitos vizinhos de Rafaela e Lúcia sofreram efeitos adversos do estresse emocional, que impactou negativamente aqueles que tinham doenças crônicas, como hipertensão e diabetes, doenças comuns na periferia de Salvador (KOLLING, 2012). Nas últimas décadas, o Brasil tem passado por processos de transição epidemiológica e, conseqüentemente, tem ocorrido um aumento da incidência, prevalência e mortalidade por doenças crônicas não transmissíveis, como diabetes e hipertensão (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2009). A morbidade e a mortalidade devido às doenças crônicas são maiores na população pobre (SCHMIDT *et al.*, 2011). Tanto Rafaela quanto sua avó lutam contra essas doenças. Os idosos, em particular, temem ir ao hospital para tratamento e acabarem contraindo o coronavírus. Uma das vizinhas de Rafaela morreu em agosto de 2020, depois de um ataque cardíaco em casa. Ela foi uma das primeiras moradoras na antiga ocupação e lutou pelo reassentamento com melhores condições em um novo conjunto habitacional.

## **SENSAÇÃO DE INSEGURANÇA AUMENTADA**

As moradias precárias, a sobrecarga de trabalho doméstico invisível, a incerteza com o futuro e as angústias e ansiedades causadas por ela não eram as únicas preocupações dessas mulheres. Nessa última parte do artigo tratamos da insegurança devido aos assaltos frequentes, o tráfico de drogas e a guerra armada da polícia com os traficantes que estão presentes nos bairros em que vivem. No meio dessas disputas, pessoas comuns e famílias tentam levar suas vidas dignamente (KOLLING, 2019).

Nossas interlocutoras já conviviam com uma sensação constante de insegurança antes da quarentena e, quando a pandemia do coronavírus começou, essa sensação aumentou para elas. Rafaela contou que estava tendo “mais crimes” durante a quarentena, que “a bandidagem aumentou mais” e que o tráfico aumentou “porque eles tão tomando conta do Bairro”. Ela achava que estava “tendo pouco policial” e explicou: “Se tiver alguma coisa, quem resolve são eles. A polícia não resolve nada”.

A insegurança e a criminalidade já limitavam os movimentos das mulheres e a forma como se comportavam ao saírem de casa. Era costumeiro deixar o celular em casa quando iam buscar os filhos na escola, mesmo quando era perto de onde moravam, e também usavam a estratégia de esconder o dinheiro no corpo para evitar que fosse levado, caso acontecesse um assalto. A sensação intensificada de insegurança contribuiu para reduzir ainda mais o movimento delas e as fez ficar em casa além das restrições por conta do coronavírus.

Embora não tenhamos estatísticas sobre o aumento de insegurança para este bairro durante a pandemia, um tipo de assalto deixou Dona Conceição muito preocupada, os assaltos nos ônibus. O marido dela era motorista de ônibus e havia sofrido alguns assaltos desde o início da pandemia. Dona Conceição nos contou que os trabalhadores do transporte coletivo se tornaram alvos e os horários preferenciais passaram a ser o período em que as empresas estavam recolhendo os trabalhadores e levando-os para as centrais onde ficam os veículos que eles dirigiam. A avenida principal que dá acesso ao bairro se tornou cenário desses assaltos que eram noticiados com frequência no jornal local. O número de roubos a ônibus registrados nesse ano pela Secretaria de Segurança Pública, entre os meses de janeiro e outubro, foi de 1.381 (BAHIA, 2020b). Embora a SSP tenha afirmado que esse número seja bem menor que no ano anterior, a sensação pode ter sido outra para os trabalhadores do transporte coletivo e suas famílias.

## CONCLUSÃO

Em *O direito universal à respiração*, Mbembe (2020) resgatou seu conceito de “redistribuição desigual das vulnerabilidades” ao falar dos tempos pandêmicos. No mesmo sentido, Santos (2020) traçou seu argumento em *A cruel pedagogia do vírus*, mostrando que a pandemia do coronavírus não instalou uma crise desvinculada de um contexto maior de crise neoliberal, pelo contrário, veio aprofundar um estado de crise econômica, social e política permanente do modelo neoliberal, em que grupos humanos inteiros ao redor do mundo são relegados a condições vulneráveis de vida, condições essas que se tornam mais evidentes e mais graves no cenário atual (SANTOS, 2020).

Nesse sentido é que a crise econômica agravada pela pandemia de covid-19 impulsionou a desaceleração econômica e a turbulência política do Brasil que começaram em 2014. Desde então houve um aumento da pobreza, da desigualdade e do trabalho informal (IBGE, 2020). Segundo as Nações Unidas, tanto no Brasil quanto na América Latina, mulheres foram afetadas de forma desproporcional pela pandemia, entre outros fatores, porque elas são amplamente empregadas na informalidade e nos setores mais atingidos. Embora sua capacidade de absorver choques econômicos seja menor, elas assumem maiores demandas não assalariadas de cuidados em casa (ECLAC, 2021). Essa realidade se materializa na vida das mulheres da nossa pesquisa. As preocupações com a aquisição de dinheiro, com a saúde e a educação dos filhos são mais constantes que antes. Assim, elas passaram a conviver com angústias, ansiedade e incer-

teza com o futuro. Elas queriam que a vida voltasse “ao normal”, mas não havia nenhuma perspectiva disso naquele momento. Como dona Conceição disse na entrevista: “As coisas não vai melhorar, vai piorar. De acordo com a palavra de Deus, ainda tem muita coisa aí por vir. É uma das etapas ainda.”

Elas viviam como a maioria das mulheres negras nas periferias de Salvador e de outros grandes centros urbanos: levavam uma vida em que “correr atrás” cotidianamente era e ainda é o meio de sobrevivência econômica. Com a alta concentração dessas mulheres em empregos informais e de baixa remuneração, somados ao aumento do trabalho doméstico, do cuidado com crianças, que não podiam ir a escolas ou creches, as mulheres em bairros pobres de Salvador enfrentavam o aumento das vulnerabilidades financeiras e sociais.

As moradias precárias também tornaram as experiências de quarentena mais difíceis. Algumas de nossas interlocutoras passavam parte significativa de seu dia confinada em 42m<sup>2</sup> devido à exigência de isolamento social, das medidas de distanciamento social, do *lockdown* temporário no bairro, e também da insegurança fora de casa. A pandemia afetou psicologicamente essas pessoas, que passaram a conviver com a ansiedade, o estresse e a insônia. Mais que medo do coronavírus em si, as mulheres temiam a pobreza e as outras epidemias que impactaram a vida e a saúde da população na periferia de Salvador.

A fragilidade da vida dessas pessoas, somada à sobreposição de carências e um alento financeiro dado pelo auxílio emergencial fez com que elas tivessem mais medo do fim do auxílio que da própria doença em si. O estudo do Data Favela, publicado em março de 2020, apontou que “7 a cada 10 famílias da favela tiveram a renda familiar diminuída por causa do coronavírus” (DATA FAVELA, 2020); os dados são de antes da aprovação do Auxílio Emergencial. Essa foi a realidade que voltou a espreitar novamente a realidade de milhões de brasileiros. Assim, a pandemia de covid-19 teve um impacto desigual em diferentes territórios e grupos sociorraciais que constituem o espaço urbano (OLIVEIRA e ARANTES, 2020), o que aprofundou ainda mais as já avassaladoras desigualdades em uma cidade como Salvador.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Carla; LÜMANN, Lígia; MARTELLI, Carla. A pandemia e seus impactos no Brasil. *Middle Atlantic Review of Latin American Studies*, v. 4, n. 1, p. 20-25, jun., 2020. Disponível em: [https://www.researchgate.net/profile/Carla\\_Almeida23/publication/342653340\\_A\\_pandemia\\_e\\_seus\\_impactos\\_no\\_Brasil/links/5f443492299bf13404eef669/A-pandemia-e-seus-impactos-no-Brasil.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Carla_Almeida23/publication/342653340_A_pandemia_e_seus_impactos_no_Brasil/links/5f443492299bf13404eef669/A-pandemia-e-seus-impactos-no-Brasil.pdf). Acesso em: 3 jan. 2021.

AQUINO, Estela M. L.; LIMA, Raíza Tourinho dos Reis Silva. Medidas de distanciamento social no controle da pandemia de covid-19: potenciais impactos e desafios no Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 25, jun., 2020. Disponível em: <https://www.scielosp.org/article/csc/2020.v25suppl1/2423-2446/pt/>. Acesso em: 22 maio 2021.

BAHIA. *Informe Epidemiológico das Arboviroses Urbanas, Semana Epidemiológica 06, Bahia*, 2020. Secretaria de Saúde do Estado da Bahia. Disponível em: [http://www.saude.ba.gov.br/wp-content/uploads/2017/11/informeArbovirosesSemana06\\_2020.pdf](http://www.saude.ba.gov.br/wp-content/uploads/2017/11/informeArbovirosesSemana06_2020.pdf). Acesso em: 24 maio 2021.

BAHIA. Mês de outubro tem a maior queda de roubos a ônibus no ano. *Secretaria de Segurança Pública*, Bahia, 2020b. Disponível em: <http://www.ssp.ba.gov.br/2020/11/8697/Mes-de-outubro-tem-a-maior-queda-de-roubos-a-onibus-no-ano.html>. Acesso em: 26 dez. 2021.

BENITES, Afonso; BETIM, Felipe. Congresso aprova renda básica por crise do coronavírus enquanto Planalto luta por protagonismo. *El País*, 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-03-31/congresso-aprova-renda-basica-emergencial-por-crise-do-coronavirus-enquanto-planalto-luta-por-protagonismo.html>. Acesso em: 23 de maio de 2021.

BITTENCOURT, Renato Nunes. Pandemia, isolamento social e colapso global. *Revista Espaço Acadêmico*, n. 221, p. 168-178, mar./abr., 2020. Bimestral. Ano XIX - ISSN 1519.6186. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/52827/751375149744>. Acesso em: 22 dez. 2020.

CARVALHO, Inaiá M..M; PEREIRA, Gilberto Corso (org). *Como anda Salvador e sua Região Metropolitana*. Salvador: EDUFBA, 2006.

CARVALHO, Inaiá; FERNANDES, Cláudia Monteiro. Transformações recentes da estrutura social das metrópoles brasileiras - Relatório RMS. In: *TD Observatório das Metrópoles*, n. 009, 2019, Rio de Janeiro. Disponível em: [https://www.observatoriodasmetrosoles.net.br/wp-content/uploads/2019/11/RMS\\_Final.pdf](https://www.observatoriodasmetrosoles.net.br/wp-content/uploads/2019/11/RMS_Final.pdf). Acesso em: 18 dez. 2020.

Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL). *Panorama Social da América Latina 2020*, (LC/PUB.2021/3-P), Santiago, 2021. Disponível em: [https://repositorio.cepal.org/bitstream/handle/11362/46784/1/S2000967\\_pt.pdf](https://repositorio.cepal.org/bitstream/handle/11362/46784/1/S2000967_pt.pdf). Acesso em: 29 mar. 2023.

CONDER e SEDUR. *Parte 2-Política de Atendimento do Programa de Reassentamento Involuntário*. 2009. Salvador.

COSTA, Simone da Silva. Pandemia e desemprego no Brasil. *Rev. Adm. Pública*, Rio de Janeiro, v. 54, n. 4, p. 969-978, jul./ago., 2020. Epub Aug 28. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-76122020000400969&script=sci\\_arttext](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-76122020000400969&script=sci_arttext). Acesso em: 3 jan. 2021.

DA REDAÇÃO. “Salvador tem segunda maior taxa de desocupados entre as capitais, diz IBGE”. *A Tarde*, Salvador, 2020. Disponível em: <https://atarde.com.br/bahia/bahiasalvador/salvador-tem-segunda-maior-taxa-de-desocupados-entre-as-capitais-diz-ibge-1117728>. Acesso em: 3 jan. 2020.

DATA FAVELA. Coronavírus nas favelas. *Instituto Locomotiva*, São Paulo, 2020. Disponível em: [https://www.cidadessaudaveis.org.br/cepedoc/wp-content/uploads/2020/04/Coronav%c3%adrus-nas-favelas\\_divulg\\_rev2.pdf](https://www.cidadessaudaveis.org.br/cepedoc/wp-content/uploads/2020/04/Coronav%c3%adrus-nas-favelas_divulg_rev2.pdf). Acesso em: 24 maio 2021.

ECLAC - Economic Commission for Latin America and the Caribbean, United Nations. *Social Panorama of Latin America*, 2020. Santiago: ECLAC, 2021.

ECLAC - Economic Commission for Latin America and the Caribbean, United Nations. *The sociodemographic impacts of the COVID-19 pandemic in Latin America and the Caribbean*. Santiago: ECLAC, 2022.

GORDILHO SOUZA, Ângela. Favelas, invasões e ocupações coletivas nas grandes cidades brasileiras – (Re) qualificando a questão para Salvador - BA. *Cadernos Metrôpole*, São Paulo, n. 5, 2001. Disponível em: [www.cadernosmetropole.net/pt/component/content/article/51-5](http://www.cadernosmetropole.net/pt/component/content/article/51-5). Acesso em: 11 jun. 2023.

HARDON, Anita *et al.* *Health Systems in Applied Health Research Manual - Anthropology of Health and Health Care*. Amsterdam: Het Spinhuis, 2001

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Censo Demográfico 2010*. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 26 dez. 2020.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD) COVID-19. Microdados*. Rio de Janeiro: IBGE, 2020. Disponível em: [http://ftp.ibge.gov.br/Trabalho\\_e\\_Rendimento/Pesquisa\\_Nacional\\_por\\_Amostra\\_de\\_Domicilios\\_PNAD\\_COVID19/Microdados/PNAD\\_COVID19\\_052020.zip](http://ftp.ibge.gov.br/Trabalho_e_Rendimento/Pesquisa_Nacional_por_Amostra_de_Domicilios_PNAD_COVID19/Microdados/PNAD_COVID19_052020.zip). Acesso em: 26 dez. 2020.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC): microdados 2012- 2020*. Disponível em: [https://ftp.ibge.gov.br/Trabalho\\_e\\_Rendimento/Pesquisa\\_Nacional\\_por\\_Amostra\\_de\\_Domicilios\\_continua/](https://ftp.ibge.gov.br/Trabalho_e_Rendimento/Pesquisa_Nacional_por_Amostra_de_Domicilios_continua/). Acesso em: 1 mar. 2021.

PEREIRA DA SILVA, Sandro; HENRIQUE LEITE CORSEUIL, Carlos; SIMÕES DE MELO COSTA, Joana. *Impactos da pandemia de Covid-19 no mercado de trabalho e na distribuição de renda no Brasil*. Brasília: IPEA, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/11561>. Acesso em: 17 nov. 2023.

ISOLAMENTO atinge menor patamar da pandemia em dezembro. *Datafolha Instituto de Pesquisa*, São Paulo, 2020. Disponível em: <https://datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/2020/12/1989191-isolamento-atinge-menor-patamar-da-pandemia-em-dezembro.shtml>. Acesso em: 24 maio 2021.

KOLLING, Marie. Doing gender, doing away with illness. Diabetic disruptions to masculinity and sexuality in Northeast Brazil. *Nordic Journal for Masculinity Studies*, [s.l.] v. 7, n. 1, p. 91-115, 2012. Disponível em: [https://www.idunn.no/norma/2012/01/doing\\_gender\\_doing\\_away\\_with\\_illness\\_diabetic\\_disruptions](https://www.idunn.no/norma/2012/01/doing_gender_doing_away_with_illness_diabetic_disruptions). Acesso em: 8 jun. 2021.

KOLLING, Marie. Becoming Favela: Forced Resettlement and Reverse Transitions of Urban Space in Brazil. *City & Society*, [s.l.], v. 31, n. 3, p. 413-435, nov., 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/ciso.12237>. Acesso em: 15 dez. 2020.

KOLLING, Marie. Debt and Dirty Names: Tracing Cashlessness and Urban Marginality in Brazil. In: *Who's Cashing In? Contemporary Perspectives on New Monies and Global Cashlessness* (eds. Sen A, Lindquist J, Kolling M). Berghahn Books. Critical Interventions: A Forum For Social Analysis, [s.l.], v. 19, 2020. Disponível em: [https://berghahnbooks.com/downloads/OpenAccess/SenWho/SenWho\\_02.pdf](https://berghahnbooks.com/downloads/OpenAccess/SenWho/SenWho_02.pdf). Acesso em: 26 dez. 2020.

MACEDO, Yuri Miguel; ORNELLAS, Joaquim Lemos; BOMFIM, Helder Freitas. Covid-19 no Brasil: o que se espera para população subalternizada? *Revista Encantar - Educação, Cultura e Sociedade*, Bom Jesus da Lapa, v. 2, p. 01-10, jan./dez, 2020. Disponível em: <https://revistas.uneb.br/index.php/encantar/article/view/8189>. Acesso em: 18 dez. 2020.

MADEIRO, Carlos. Covid-19 já é a maior causa de mortes no Brasil registrada em um único ano. *UOL*, [s.l.], 2020. Disponível em:

<https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/09/15/com-133-mil-obitos-covid-ja-tem-recorde-como-causa-morte-no-pais-em-um-ano.htm>. Acesso em: 22 maio 2021.

MBEMBE, Achille. O direito universal à respiração. *Instituto Humanitas Unisinos*, [s.l.], 2020. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/598111-o-direito-universal-a-respiracao-artigo-de-achille-mbembe>. Acesso em: 22 maio 2021.

MENDONÇA, Heloísa. PIB tem queda histórica de 9,7% no segundo trimestre e pandemia arrasta o Brasil para recessão. *El País*, [s.l.], 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/economia/2020-09-01/pib-tem-queda-historica-de-97-no-segundo-trimestre-e-pandemia-arrasta-o-brasil-para-recessao.htm>. Acesso em: 22 maio 2021.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; FREIRE, Neyson Pinheiro. Pandemia exacerba desigualdades na saúde. *Ciênc. saúde coletiva*, Rio de Janeiro, v. 25, n. 9, p. 3555-3556, set., 2020. Epub Aug 28. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-81232020000903555&script=sci\\_arttext](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-81232020000903555&script=sci_arttext). Acesso em: 18 dez. 2020.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. *Painel de Indicadores do SUS*, Brasília, 2009. Disponível em: [http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/panoramico\\_v\\_3\\_n\\_7.pdf](http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/panoramico_v_3_n_7.pdf). Acesso em: 08 de junho de 2021.

MONITORING - Municipalities: Comparison. *Covid-19 Brazil*, [s.l.], 2020. Disponível em: <https://ciis.fmrp.usp.br/covid19/municipios-br/>. Acesso em: 18 dez. 2020.

PEREIRA, Carla Galvão; ARANTES, Rafael de Aguiar. Fighting Covid-19 in Salvador: cooperation and conflict in intergovernmental relationship. *Revista Ambiente e Sociedade*, [s.l.], v. 23, p. 1-11, jul., 2020. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S1414-753X2020000100901&lng=pt&nrm=iso](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1414-753X2020000100901&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 18 dez. 2020.

OBSERVATÓRIO de bairros Salvador. Salvador. Disponível em: <https://observatoriobairrossalvador.ufba.br/bairros/sao-joao-do-cabrito>. Acesso em: 17 de dez. 2020.

OLIVEIRA, Lucas Amaral de; ARANTES, Rafael Aguiar. Neighborhood Effects and Urban Inequalities: the impact of covid-19 on the periphery of Salvador, Brazil. *City & Society*, [s.l.], v. 32, n. 1, abr., 2020. Disponível em: <https://anthrosource.onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1111/ciso.12266>. Acesso em: 7 jan. 2021.

RENDA básica emergencial: a campanha que levou a ela e seus passos. *Rede Brasileira de Renda Básica*, 2020. Disponível em: <http://rendabasica.com.br/renda-basica-emergencial-campanha-levou-ela-seus-proximos-passos/>. Acesso em: 23 maio 2021.

SALVADOR, Decreto nº 32280, de 23 de março de 2020, Diário Oficial do Município. Disponível em: <https://www.legisweb.com.br/legislacao/?id=391448>. Acesso em: 8 de janeiro de 2021.

SALVADOR. Prefeitura Municipal de. Secretaria de Saúde. *Informe Salvador*, 2020. Disponível em: <http://informe.salvador.ba.gov.br/coronavirus/>. Acesso em: 26 dez. 2020.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A cruel pedagogia do vírus*. Coimbra: Edições

Almedina, 2020. Disponível em: [https://www.abennacional.org.br/site/wp-content/uploads/2020/04/Livro\\_Boaventura.pdf](https://www.abennacional.org.br/site/wp-content/uploads/2020/04/Livro_Boaventura.pdf). Acesso em: 22 maio 2021.

SECOM – SECRETARIA DE COMUNICAÇÃO SOCIAL. *Salvador decreta situação de emergência e fecha shoppings contra coronavírus*. Salvador, 2020. Disponível em: <http://www.comunicacao.salvador.ba.gov.br/index.php/todas-as-noticias-4/56277-salvador-decreta-situacao-de-emergencia-e-fecha-shoppings-contracoronavirus> Acesso em: 22 maio 2021.

SCHIMIDT, Maria Inês *et. al.* 2011. Chronic non-communicable diseases in Brazil: Burden and current challenges. *The Lancet*, [s.l.], v. 377, n. 9781, p. 1949-1961, 2011.

SOARES, Antonio Mateus de C. Cidade revelada: pobreza urbana em Salvador. *Geografias*, Belo horizonte, v. 05, n. 1, p. 83-96, jan./jun., 2009.

Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/geografias/article/view/13265/10497>. Acesso em: 18 dezembro 2020.

NAÇÕES UNIDAS. The Impact of COVID-19 on Latin America and the Caribbean. *Policy Brief*, [s.l.], jul, 2020. Disponível em: <https://reliefweb.int/report/world/policy-brief-impact-covid-19-latin-america-and-caribbean-july-2020>. Acesso em: 3 jan. 2021.

VALADARES *et al.* Alunos recebem refeição diária, cestas básicas e vouchers como merenda. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/04/alunos-recebem-refeicao-diaria-cestas-basicas-e-vouchers-como-merenda.shtml>. Acesso: 28 dez. 2020.

VASCONCELOS, Pedro de Almeida. Pobreza Urbana e a formação de bairros populares em Salvador na longa duração. *GEOUSP - Espaço e Tempo*, São Paulo, n. 20, p. 19-30, 2006. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/geosp/article/view/74005/77664>. Acesso em: 18 dez. 2020.

WERNECK, Guilherme Loureiro; CARVALHO, Marília Sá. A pandemia do covid-19 no Brasil: crônica de uma crise sanitária anunciada. *Caderno de Saúde Pública*, São Paulo, v. 36, n. 5, p. 1-4, maio, 2020. Disponível em: <https://www.scielosp.org/article/csp/2020.v36n5/e00068820/pt/>. Acesso em: 3 jan. 2021.